

**“FALOU POR QUÊ? ”: REFLEXÕES QUANTO AO GERENCIAMENTO E USO DE *MOUThINGS* NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA INTERMODAL INDIRETA**

*Eduardo Andrade Gomes*<sup>1</sup>

**RESUMO:** Os estudos processuais da interpretação simultânea intermodal têm contribuído para compreender as impressões, angústias e escolhas que os profissionais traçam/vivem durante o ato interpretativo. Tais apontamentos são importantes para que se conheça, cada vez mais, as nuances linguísticas, operacionais, emocionais e cognitivas dessa atividade. Um dos fenômenos peculiares à interpretação da Língua Portuguesa para a Libras é o uso de *mouthings*, em virtude da sobreposição de línguas, na qual os movimentos da boca e a pronúncia oral de palavras são efetuados concomitantemente à produção em sinais. Qualificando esta ocorrência como natural e conflitante, a fim de evitar interferências e/ou submissões de uma língua a outra, e estratégica, se usada para amplificar o entendimento em língua alvo para os surdos, solicitou-se, individualmente, que dois intérpretes realizassem a interpretação simultânea para a Libras de um discurso oral em vídeo de uma vereadora e, em seguida, o produto foi transcrito e agendado um momento para refletir a respeito, junto aos sujeitos, por meio dos TAP's. Percebeu-se que o uso de *mouthings* foi recorrente em ambos, principalmente para demarcar e especificar determinados sinais e as datilologias, sendo, portanto, uma estratégia interessante para materiais audiovisuais por se ter um público surdo altamente variado. A maior dificuldade dos intérpretes é monitorar o uso dos movimentos da boca para que não incorra em estruturas agramaticais influenciadas por articulação de palavras completas e/ou parciais da Língua Portuguesa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudos processuais da Interpretação; Interpretação Audiovisual; Interpretação Intermodal; Interpretação de Língua Portuguesa-Libras; Mouthings.

**ABSTRACT:** The intermodal simultaneous interpretation process studies have contributed to understand the impressions, anguishes and choices that the professionals delineate / live during the interpretative act. Such notes are important so that the linguistic, operational, emotional and cognitive nuances of this activity are increasingly known. One of the phenomena peculiar to the interpretation of the Portuguese for Libras is the use of mouthing, due to the code blending, in which mouth movements and oral pronunciation of words are carried out concomitantly with signal production. Qualifying this occurrence as a natural and conflicting one, in order to avoid interferences and / or submissions from one language to another, and strategic, if used to amplify the target language understanding for the deaf, it was individually requested that two interpreters perform the simultaneous interpretation for the Libras of an oral speech in video of a councilwoman, and then the product was transcribed and scheduled a moment to reflect about

---

<sup>1</sup> Intérprete e Tradutor de Língua de Sinais - Português (ITLSP) habilitado e certificado pelo Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez - CAS (BH/SEE/MG) e pelo PROLIBRAS (MEC/INES/UFSC), mestrando em Estudos da Tradução, graduando em Letras Libras bacharelado, ambos pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e licenciado em Química. Atualmente trabalha como ITLSP na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e já atuou nessa mesma função na Universidade Federal de Viçosa (UFV), na Câmara Municipal de Viçosa (MG) e em escolas da rede estadual de Minas Gerais.

the subject, through the TAP's. It was noticed that the use of mouthings was recurrent in both, mainly to demarcate and to specify certain signs and the datilology, being, therefore, an interesting strategy for audio-visual materials by having a deaf audience highly varied. The greatest difficulty for interpreters is to monitor the use of mouth movements so that they do not have a grammatical structure influenced by articulation of complete and /or partial words of the Portuguese.

**KEYWORDS:** Procedural studies of interpretation; Audiovisual Interpreting; Intermodal Interpretation; Interpreting Portuguese-Libras; Mouthings.

## 1 INTRODUÇÃO

A tradução audiovisual se aloja como uma estabelecida vertente nos Estudos da Tradução e surgiu no mapeamento feito por William e Chesterman (2002), nomeada como tradução multimídia, e na categorização arquitetada pela editora *Saint Jerome Publishing* (2007) como tradução multimídia e audiovisual (SILVA, 2015).

Esta modalidade de tradução abarca as translações linguísticas e culturais encontradas em canais e veículos de comunicação multimídia, sendo que seus textos multissemióticos, por permitir conciliar e articular signos verbais orais/sinalizados, escritos, não-verbais como imagens, diagramas, cores, sons, podem surgir em alguns formatos como dublagem, legendagem e, recentemente, janela em Língua Brasileira de Sinais (Libras)<sup>2</sup> (NASCIMENTO, 2017). Para Rebollo-Couto, Silva e Silva (2017), produtos dessa natureza surgiram devido a ampliação de canais televisivos regionais, divulgação e perfis em outras plataformas digitais como rede sociais, crescimento de atividades de ensino a distância, dentre outros.

Além disso, Spolidorio (2017) comenta que ações como a janela em Libras, legendagem para surdos e ensurdecidos e audiodescrição são desdobramentos que vão ao encontro de ferramentas e políticas de acessibilidade audiovisual para atender aos mais diversificados públicos e garantir, indistintamente, o acesso a quaisquer informações. Apesar de existir normativas e guias que discorrem a respeito dessa obrigatoriedade (NAVES *et. al*, 2016), ainda são pontuais os produtos que possuem a tradução e/ou interpretação para a Libras, por exemplo.

---

<sup>2</sup> De acordo com Naves *et.al* (2016), em produções audiovisuais, a janela em Libras é um espaço na extremidade direita ou esquerda da tela que contempla a tradução e/ou interpretação das falas em Língua Portuguesa para a Libras em traço simultâneo. Contudo, é importante que os veiculadores com esses conteúdos em Libras repensem a resolução, disposição, tamanho e recorte desta janela, visto que a maioria possui baixa qualidade de visualização, o que compromete a compreensão da mensagem.

A título de cadeia nacional é praticamente inexistente programas ou atividades com esse contorno. Em certas ocasiões, determinadas atrações midiáticas promovem a acessibilidade em Libras, porém apenas em reportagens que discutem algo diretamente relacionado à população surda ou a língua de sinais. Do ponto de vista social, cultural e educacional esta atitude corriqueira das provedoras de conteúdo em mídia é uma afronta, afinal, as pessoas surdas, como dito anteriormente, têm o direito ao acesso a todas informações.

No entanto, mesmo que insuficiente, o âmbito político, que lida diretamente com projetos, leis e garantia de deveres e direitos dos cidadãos, tem se mostrado mais aberto a atender essa importantíssima demanda em prover seus conteúdos com acessibilidade. Por isso, diversas casas legislativas municipais, estaduais e federal dispõem rotineiramente de profissionais qualificados, de carreira ou contrato, para realizar a interpretação<sup>3</sup> simultânea para a Libras durante as sessões.

Esta tipologia de interpretação é compreendida, basicamente, como a versão de uma língua a outra, neste caso, Língua Portuguesa para a Libras, em ínfimos intervalos de tempo (segundos). Segundo Pagura (2015), esse período temporal, mesmo que mínimo, é essencial para que o intérprete entenda a mensagem na língua fonte, processe e a produza na língua alvo. Um componente importante que integra a conjuntura interpretativa é a memória de curto prazo do intérprete. Esta compreende as mensagens já codificadas da língua fonte e as armazena, em pequeno espaço de tempo, para que sejam manifestadas, excluídas ou (re)organizadas (PINTO, 2003). A memória de longo prazo adquire as informações da memória de curto prazo e as aloca, podendo ser acessadas a qualquer época, devido a capacidade ilimitada de retenção. Tratando-se de interpretações intermodais<sup>4</sup> e intramodais gestuais-visuais, a singularidade das línguas de sinais pode contribuir para maior exigência da memória, visto que, do ponto de vista sintático, o dimensionamento do uso e tipo do espaço de sinalização não é trivial.

O ambiente político e midiático, assim como os demais, requer dos intérpretes uma aptidão e/ou conhecimento lexical, terminológico, bem como maneiras de lidar com o discurso verbo-visual (MACHADO; FELTES, 2015; NASCIMENTO, 2017). Como os materiais interpretados para a Libras são direcionados ao público surdo em geral e o profissional não

---

<sup>3</sup> De agora em diante, este artigo se concentrará na menção e uso apenas do termo interpretação. Muitas das considerações aqui postas podem se alinhar diretamente à tradução, mas é preciso que o leitor pondere algumas distinções conceituais e operacionais entre a interpretação e a tradução. Para mais esclarecimentos, consulte Rodrigues (2018a).

<sup>4</sup> Este termo está em consonância às modalidades das línguas distintas em questão, a saber, vocal-auditiva e gestual-visual.

consegue reconhecer quem são exatamente seus receptores, é importante tentar promover uma sinalização que possa contemplar a todos em sua clareza e compreensão. Tal objetivo pode ser traçado a partir de escolhas e técnicas pensadas e definidas previa ou imediatamente durante a execução do trabalho.

Por se tratar de um procedimento intermodal, um desses métodos seria o monitoramento e uso de *mouthings*, isto é, a forma como as palavras, da língua vocal-auditiva, é articulada pela boca, ao mesmo tempo em que se produz os sinais, da língua gestual-visual. Assumindo como estratégia interpretativa, essa formatação bucal/labial pode surgir como meio de complementar e/ou expandir significado dos sinais, desambiguar sinais-termos<sup>5</sup>, designando potencializar o entendimento das pessoas surdas em relação ao assunto tratado (SANDLER, 2009; RODRIGUES; MEDEIROS, 2016). Em interpretações audiovisuais em que um único produto é visto por inúmeros (tele)espectadores e o intérprete necessita pensar maneiras de atender a maior parte possível do público, os *mouthings* podem se encaixar como artifícios para tal.

## **2 MOUTHINGS E SUA APLICABILIDADE NA INTERPRETAÇÃO INTERLINGUÍSTICA E INTERMODAL**

As línguas de sinais, em sua essência, são compreendidas pelo canal visual e externadas de modo gestual, empregando, para isso, holisticamente, as mãos, o rosto, o tronco e o espaço. Nesse sentido, supondo um mesmo sinalizante, línguas de idêntica modalidade como a Libras e a Língua de Sinais Americana (ASL), por exemplo, não podem ser produzidas ao mesmo tempo, mas de forma alternada. Ora sinaliza-se em Libras, ora sinaliza-se em ASL. Em contrapartida, para as línguas de modalidades dissemelhantes como a Língua Portuguesa e a Libras, também é factível a alternância na enunciação entre elas. Todavia, podem ser enunciadas ao mesmo tempo. Isso quer dizer que é fisiológica e linguisticamente possível falar vocalmente (Língua Portuguesa) e sinalizar (Libras) concomitantemente. Essa permissibilidade é chamada de sobreposição de línguas.

Conforme denota Duarte e Mesquita (2016) e Quadros (2018), essas duas condições (alternância e sobreposição) são fenômenos linguísticos derivados do bilinguismo que respondem a uma expectativa social, discursiva, pragmática e auxiliam no estudo das

---

<sup>5</sup> Para Faulstich (2014), sinais-termos é uma nomenclatura para identificar termos que abarquem uma linguagem especializada.

congruências e contenções gramaticais encontradas nos mais variados pares linguísticos. Dessa forma, por premissas intrínsecas às línguas, inevitavelmente, a interpretação intermodal pode ser influenciada (QUADROS, LILLO-MARTIN, PICHLER, 2014; QUADROS, LILLO-MARTIN, EMMOREY, 2016; QUADROS, 2018; RODRIGUES, 2018c). Entretanto, Rodrigues (2018c) salienta que os intérpretes precisam coordenar a percepção/compreensão em uma língua e a produção em outra para que essa sobreposição, natural de acontecer, não comprometa, negativamente, o discurso na língua alvo. Esta condição pode resultar em um português sinalizado, ao colocar a Libras, segunda língua<sup>6</sup>, em submissão à Língua Portuguesa, oportunizando a geração de enunciados agramaticais do ponto de vista sintático da Língua Brasileira de Sinais. Cognitivamente, esse processo não é fácil e demanda maior esforço se comparado aos intérpretes em atuações intramodais.

Por outro lado, em uma interpretação na direção assimétrica como essa, é praticável a pronúncia de determinadas palavras no decorrer da sinalização, configurando-se como *mouthings* (RODRIGUES; MEDEIROS, 2016). Esses movimentos bucais/labiais, parciais ou completos, são encontrados nas línguas de sinais, mas oriundos da pronúncia de línguas vocais-auditivas. Existe também os chamados *mouth gestures*, gestos de boca, aqueles que são membros das línguas de sinais, mas não possuem, necessariamente, equivalência com a articulação oral das palavras, podendo ser representações icônicas. Ainda, em um viés fonológico, morfológico e sintático, há os morfemas-bocas que são sinais não-manuais gramaticais que corroboram para a estruturação e produção das línguas de sinais (LOCKER, 1990; NESPOR; SANDLER, 1999; SANDLER, 2009; LEVIN; SCHEMBRI, 2011; PEGO, 2013; RODRIGUES; MEDEIROS, 2016).

Parece existir uma linha tênue entre esses conceitos, porém a linguística vem se ocupando a debater e equacionar cada um deles, comprovando a materialidade, a especificidade e a pertinência dessa tríade para a legitimação e composição das línguas de sinais em sua essência visual, gestual e espacial.

Consonante com o trabalho aqui proposto, no escopo da interpretação intermodal, Rodrigues e Medeiros (2016) dão lugar de visibilidade aos *mouthings*, trazendo-os para o elenco de possíveis estratégias e ferramentas aplicadas por profissionais para produzir um texto em

---

<sup>6</sup> Não são contemplados, nesta expressão, falantes/sinalizantes CODAS. Isso porque, para grande parte deles, a Libras, assim como a Língua Portuguesa, são as primeiras línguas. Contudo, existe uma variação intensa entre esse público e a exposição/apreensão a essas línguas. Por isso, alguns podem ser bilíngues bimodais/intermodais balanceados/equilibrados, peça um tanto quanto excepcional em se encontrar, segundo a linguística aplicada e a psicolinguística, e outros não (QUADROS; LILLO-MARTIN; EMMOREY, 2016).

Libras que seja compreensível ao público surdo. É pertinente pontuar que, muitas vezes, a própria classe dos intérpretes não reconhece como legítima e coerente o movimento da boca e a pronúncia (in)completa de palavras durante a sinalização. Provavelmente, esse descrédito é resultante de um período histórico tradicional e pouco frutífero no que tange a espaços de discussão e promoção de pesquisas, em que os *mouthings* eram marginalizados pelos possíveis emissores e receptores das produções interpretativas. Entretanto, é preciso ponderar que os profissionais necessitam de atenção e autoadministração ao utilizarem os movimentos bucais/labiais para que isso não seja um fator que colabore e/ou influencie a enunciação em Libras, causando um português sinalizado.

Como estratégia, os intérpretes intermodais podem usar os *mouthings* para marcar determinados sinais e, assim, evitar ambiguidades. Além disso, tal mecanismo é capaz de complementar as ideias e auxiliar no entendimento da datilologia que pode não ser bem articulada pelas mãos, seja pela percepção e velocidade do enunciado na língua fonte, seja na produção da língua alvo.

### 3 METODOLOGIA

Esta pesquisa tenciona o desenvolvimento de um estudo empírico-experimental que prima, inicialmente, pela delimitação do objeto de análise, a demarcação dos (possíveis) aspectos influentes a esse objeto e pela observação e investigação propriamente dita (GIL, 2007). Nesse sentido, converge-se a preparação de uma situação controlada na qual os sujeitos serão expostos a alguma atividade a ser realizada. No domínio dos Estudos da Tradução e da Interpretação, especialmente se tratando de abordagens processuais que visam compreender o percurso no qual o profissional trilhou até chegar ao produto textual, esta metodologia experimental tem ganhado cada vez mais adeptos tanto em ações intermodais quanto em intramodais, como apresenta Alves (1997; 2003; 2015), Pagano (2001), Rodrigues (2002), Gonçalves (2003), Rodrigues (2013), Neto (2014), Parente-Júnior (2016), dentre outros.

Para fins de coleta e análise dos dados, contatou-se dois intérpretes ouvintes de Língua Portuguesa-Libras, um homem e uma mulher, fluentes e não-nativos em Libras, que possuem experiência, há cerca de um ano e meio, em interpretações simultâneas na câmara municipal de uma cidade do interior de Minas Gerais, graduados em Pedagogia e em Letras, respectivamente, e funcionários de carreira em uma universidade federal mineira, ocupando o cargo em nível D “Tradutor e Intérprete de Linguagem de Sinais”. Ambos aceitaram prontamente a participar

deste trabalho e, após explicação, assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Este documento garantiu-lhes a preservação das identidades e o direito a declinar a qualquer momento dessa pesquisa enquanto dado.

Feito isso, agendou-se, em um estúdio, horário individual com cada intérprete e, somente instantes antes da gravação, fora comunicado que o vídeo com o texto fonte, em Língua Portuguesa, era um discurso proferido em 2017 por uma vereadora da cidade de São Paulo em tribuna livre a respeito da temática “Escola sem Partido”<sup>7</sup>. O material não foi apresentado a eles com antecedência para que realizassem uma interpretação simultânea mais próxima possível do contexto real. Este vídeo é fruto de uma explanação oral, na qual não há leitura de qualquer tópico ou texto, possui duração de cinco minutos e, por duas vezes, há pequenas interpelações da fala da vereadora pelo presidente da casa legislativa. Em locais como este é comum que haja interrupção ou apartes de outros membros, sobretudo quando o assunto é polêmico. A interpretação de cada um dos sujeitos foi realizada por uma câmera disposta frontalmente ao posicionamento de ambos.

Posteriormente, transcreveu-se, em glosas<sup>8</sup>, o produto interpretativo, utilizando o *software*, gratuito, *Eudico Language Annotator* (ELAN), desenvolvido pelo Max Planck Institute of Psycholinguistics da Holanda na qual concilia o conteúdo a ser analisado, no caso, o vídeo em Libras, com sua respectiva transcrição, em respeito ao tempo de cada sinal, sendo possível criar diversas trilhas específicas, a depender do(s) objetivo(s) do(s) pesquisador(es) (QUADROS; STUMPF, 2014). Em consonância com o propósito deste trabalho criou-se quatro trilhas, uma com os sinais realizados com a mão direita, outra com os sinais efetuados com a mão esquerda, uma terceira para identificar os sinais acompanhados de *mouthings* e, por fim, uma trilha para referenciar se esses movimentos da boca foram proferidos em articulação oral parcial ou completa das palavras.

Findada a transcrição e avaliação parcial do material, programou-se uma data e horário com cada um dos intérpretes, individualmente, para que assistissem às suas respectivas interpretações e pudessem comentar e discutir, em Língua Portuguesa oral, as escolhas lexicais, semânticas, interpretativas (não) feitas, além das dificuldades ou familiaridades com esse processo. Essa tentativa de descrever e compreender, posteriormente, o processo que culminou

---

<sup>7</sup> O vídeo encontra-se em domínio público e pode ser acessado pelo link: <<https://www.youtube.com/watch?v=TDXGcKaz-Us>>.

<sup>8</sup> Ferramenta de representação e grafia dos termos oriundos da língua de sinais (Libras) em palavras da língua vocal (Língua Portuguesa) em letras maiúsculas.

na elaboração do produto linguístico, é uma técnica aplicada inicialmente na psicologia, mas que ganhou espaço nos Estudos da Tradução e da Interpretação, chamada protocolos de verbalização retrospectivos (TAP's) (RODRIGUES, 2013). Em alguns momentos, os sujeitos desta pesquisa se expressaram naturalmente ao pontuar aspectos referentes à interpretação em um formato de TAP's livres e, em outros, os profissionais verbalizaram determinados eventos da atividade, guiados a isso pelo pesquisador, enquanto TAP's dirigidos. Esta etapa, em que se empregou os protocolos verbais, foi filmada, captando o áudio e a imagem dos envolvidos.

A duração dos TAP's com o intérprete A foi dezesseis minutos e vinte e cinco segundos e com a intérprete B foi dezessete minutos e vinte e cinco segundos.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A condição de um texto espontâneo em uma língua pode ser distinta ao ser transposto a outro código linguístico, sobretudo se esse processo for simultâneo. Por isso, inicialmente, para se ter uma visão ampla do material em Língua Portuguesa e dos materiais interpretados para a Libras, estes foram transcritos e segmentados. O texto fonte possui 743 palavras e o texto apresentado pelos intérpretes A e B foi 356 e 342 sinais, respectivamente. Cabe frisar que, para fins deste trabalho, os recursos paralinguísticos dos três textos não foram apontados, ou seja, não houve sistematização e contabilização das notações referentes à prosódia como a entonação, o tom, o ritmo, a duração, a intensidade e a velocidade das palavras e sinais, embora esses agentes possam influenciar o andamento da interpretação simultânea.

Em relação aos *mouthings*, foi detectado, por parte do intérprete A, o uso em 106 sinais, o que, em porcentagem, equivale a 29,77% do total. Desses movimentos da boca, 90 se deram em articulação oral total e 16 de forma parcial. Como exemplificação, extraiu-se a pronúncia completa de “escola” e a parcial “jo”, quando sinalizou JOVEM. Em contrapartida, essa movimentação da boca foi muito mais acentuada na interpretação por B, na qual se constatou o uso em 280 sinais, resultando em 81,87%. Neste caso, 242 foram em pronúncia total e 38 parcial. Ilustrando-se, tem-se “hoje” como completa e, parcial, “pa” para o sinal PAÍS. Quantificando os *mouthings* nas duas interpretações, percebe-se que a intérprete B utiliza-se mais dessa prerrogativa linguística-modal, mas é notório que em ambas circunstâncias ela é habitual, o que ratifica a pertinência desse estudo.



Em pesquisa inicial, Rodrigues e Medeiros (2016) comentam que a maior ocorrência de *mouthings* se dá em relação aos verbos. Eles também apuraram que, a partir da prolação oral, certos sinais-termos tiveram alteradas sua categorização lexical, isto é, indo de verbo a substantivo, por exemplo. Este procedimento, neste escopo incitado pelos *mouthings*, é, aos olhos de Barbosa (2004), uma estratégia chamada transposição. O presente artigo não se concentrou em mensurar a categoria dos sinais, mas avistou-se que a incidência desse gênero variante de classes dos léxicos foi inexistente.

No tocante à configuração e marcação de movimento da boca e da pronúncia oral, alguns sinais se destacam em ambas interpretações. Como exemplo, tem-se PARTIDO e DIREITA em que os intérpretes A e B dizem realizar *mouthings* para evidenciar ao público surdo o sentido que tenderam transpor, naquele contexto, visto que tais sinais podem assumir outras compreensões, caso não fossem delimitados com a articulação da boca. Essa perspectiva pode ser encarada como uma estratégia de evitar ou reduzir possível ambiguidade lexical. Além desse, tem-se a interpretação feita por A diversas vezes, ao sinalizar LUTAR GRUPO e pronunciar “lutadores”, assim como é posto na fala da vereadora. Ainda, a articulação oral “pega” para o sinal OCUPAÇÃO e “comida” para MERENDA. Semelhantemente, B sinaliza CONHECER com expressão negativa, e pronuncia “não conhece”, em alusão ao termo no texto fonte. Pode-se citar também “alimentação” para o sinal MERENDA, “parar” em referência a CONGELAMENTO.

No intuito de ampliar as informações e buscar promover maior entendimento ao público surdo e, enriquecendo ou complementando ideias, como destaca Sandler (2009) e Rodrigues e Medeiros (2016), o intérprete A usou *mouthings* para os sinais PARECER OPRIMIR, quando o texto fonte trazia “vocês querem intimidar”. A intérprete B articulou a boca ao sinalizar TENTAR FECHAR para “processo de fechamento”, DENTRO ESCOLA para “na escola”. Os excertos citados anteriormente remontam ações cognitivas e linguísticas em que os intérpretes se empenhavam a compreender a mensagem na língua fonte e sistematizar a sua transposição à língua alvo para, então, produzi-la.

Acionar a datilologia no momento da interpretação pode trazer algumas indagações como a inexistência ou desconhecimento do intérprete em relação ao sinal para determinada palavra que ele julga ser correspondente, evidenciar o nome de alguma entidade como pessoa, animal, instituição, cidade, estado, país e, até mesmo, especificar determinado sinal ao representa-lo acrescido de uma datilologia. Contudo, este recurso pode refletir uma informação conceitualmente vazia para o intérprete, bem como para o público surdo, já que uma expressiva

parcela dessa população não domina bem a Língua Portuguesa. Portanto, esse recurso, encontrado inúmeras vezes no corpo das interpretações para a Libras, não é, por si só, permanente e necessariamente uma estratégia (secundária), como relata Hortêncio (2005) e Lemos (2014). No mais, como Rosa (2005, p.40) diz, “o alfabeto manual é a mera transposição para o espaço, por meio das mãos, dos grafemas da palavra da língua oral”.

Neste experimento, os dois intérpretes movimentaram a boca concomitantemente a realização da datilologia dos nomes de figuras políticas citadas no texto fonte como Flávio Bolsonaro, Geraldo Alckmin, Fernando Holiday, Eduardo Cunha e Aécio Neves. Segundo eles, esta é uma maneira para que o público surdo possa compreender melhor o nome, caso não entendam a datilologia, além de ser uma estratégia para que o profissional absorva, satisfatoriamente, esta informação, sobretudo quando se tem dúvida em relação a grafia do referido nome. Incisivamente, o intérprete A diz “eu acho que todo mundo deveria falar no momento da datilologia”. Embora pesquisas dessa natureza com interpretações de/entre/para línguas gestuais-visuais sejam incipientes, para Alvarez (2005), autora no campo das línguas vocais-auditivas, a repetição de termos da língua fonte durante a interpretação subsidia a memória ao manter a informação por mais tempo em uma frente que pode ser facilmente acessada.

De fato, os *mouthings* foram importantes, principalmente para a intérprete B, que fez, em todos os nomes sobreditos, uma datilologia muito acelerada, manual e visivelmente incompreensível. Essa rapidez em sinalizar é fruto do alto fluxo de informações em um pequeno espaço de tempo, impondo ao intérprete dimensionar a atenção em produzir a mensagem em Libras por meio de datilologia, que demandará mais tempo, caso opte por uma clareza maior dos nomes, o que é recomendado. Ainda, acumular novas informações da língua fonte que são recebidas enquanto está representando os nomes no alfabeto manual, priorizando a memória de curto e longo prazo.

O intérprete A conseguiu administrar melhor o tempo e o fluxo de informações recebidas, conforme discorreu no protocolo de verbalização, apesar de se perder em certos momentos de fala, quando priorizou o viés de produção da língua fonte. Ele realizou uma soletração mais clara e, em certas ocasiões, mesmo conhecendo o sinal de alguns nomes citados, optou por manifestar o nome acompanhado da datilologia e da pronúncia oral.

Evidentemente, a memória humana, por ser uma estrutura altamente complexa, é mobilizada em todo o evento interpretativo, configurando-se como um dos elementos cruciais no rol de procedimentos cognitivos da interpretação simultânea. Isso se deve ao fato de lidar,

muitas vezes, com o recebimento de mensagens instantâneas e espontâneas, envolvidas por outras variáveis como o tempo (GILE, 1995). Compactua-se com Timarová (2008) e Nascimento (2012) ao notarem que, para muitos, a memória de curto e longo prazo é estabelecida pelo/por arquivamento de informações, mas pouco se debate a respeito das implicações cognitivas que esta desencadeia como o autocontrole que envolve fatores psicofisiológicos, linguísticos, ambientais, dentre outros. Essas características desafiadoras são algumas das que acometem os profissionais em interpretação simultânea que necessitam estar em constante prática e formação para que desenvolvam, além das competências interpretativas intermodais (RODRIGUES, 2018c), habilidades cognitivas que darão suporte à essas competências.

Via TAP's, os intérpretes A e B foram convidados à reflexão quanto ao gerenciamento e ao emprego de *mouthings* e, inicialmente, ambos tiveram um pouco de receio em comentar a respeito, devido a engessada e, ligeiramente, traumatizada visão de que esta ação é sinônimo de imprecisão. Os dois depositaram o maior ou menor uso desses movimentos da boca ao público surdo que será o receptor do material, ou seja, eles são o termômetro medidor da qualidade/vantagem ou não desse recurso. Curiosamente, questionados quanto a um produto audiovisual em Libras, na qual estão acostumados a trabalhar, e que não podem garantir qual o perfil surdo irá assistir, o intérprete A disse que tende a primar pela redução das articulações orais das palavras, para evitar possíveis julgamentos de terceiros, o que evidencia a percepção dos *mouthings* como insuficiente. Ademais, acredita que a pronuncia parcial seja mais adequada do que a completa, exceto em situações de datilologia. No entanto, foi encontrado, em sua interpretação realizada, uma quantidade significativa de articulações completas em detrimento das parciais. Novamente, essa concepção paira como um estigma enraizado na construção histórica da língua de sinais em que era preciso, insistentemente, (re)afirmar e comprovar o seu estatuto linguístico independente, não sendo, por conseguinte, culpa dos surdos, dos intérpretes (ouvintes) que, no fundo, apenas tentam/tentaram defender esta língua do desprestígio social e acadêmico. Já a intérprete B diz que, em situações com material audiovisual, busca explorar os movimentos bucais/labiais e as pronúncias das palavras em sua interpretação, mesmo que as janelas em Libras, em sua maioria, são disponibilizadas em um enquadramento pequeno que tende a comprometer a confortável visualização pelo público surdo.

Um ponto interessante ressaltado pelos dois intérpretes é a possível origem desses *mouthings*. Para eles pode ser um “vício” (intérprete B) ou algo “involuntário” (intérprete A), ao declarar que os intérpretes ouvintes inclinam-se a articular as palavras oralmente de forma

espontânea, por serem falantes (nativos) de uma língua vocal-auditiva e estarem acostumados a esse sistema de enunciação, pela boca. Sem dúvidas, a primeira língua de um sujeito é fator preponderante para a constituição e a formação do pensamento, da linguagem e de si como um todo. Este item retoma a condição linguística imposta pela dual modalidade das línguas em questão, Língua Portuguesa e Libras.

Por fim, os intérpretes, ao se observarem, foram percebendo que o uso de *mouthings* é relevante e faz parte de sua atuação ao mediar as informações para a Libras. Nitidamente, em discurso final, concebem o esforço cognitivo dedicado à coordenação desses para que esta estratégia interpretativa possa ser aplicada coerentemente, apesar de haver momentos em que não há motivação explícita ou implícita (RODRIGUES; MEDEIROS, 2016) e não caia em emprego exacerbado, podendo influenciar e acarretar o português sinalizado.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O gerenciamento e o uso de *mouthings* em uma interpretação intermodal é algo corriqueiro e que despende um esforço cognitivo ao intérprete para que a sua condição de bilíngue bimodal não interfira negativamente no processo interpretativo. Em alternativa, durante esse processo, estima-se a possibilidade desses movimentos bucais/labiais também contribuírem, um pouco, para a redução desse esforço, visto que a pronúncia oral concomitante ao sinal produzido pode trazer maior leveza e apoio à produção a essa língua em modalidade gestual-visual.

Além disso, similarmente, essa temática pode ser tratada como uma das estratégias interpretativas usada pelos profissionais. Isso em razão da possibilidade de articular palavras com a boca ao passo em que se sinaliza, com o propósito de ampliar o entendimento do público surdo, evitando certas ambiguidades lexicais (SANDLER, 2009; RODRIGUES; MEDEIROS, 2016). Em contextos audiovisuais, na qual muitas vezes a janela em Libras não favorece a uma boa visualização, ou até mesmo o fato de ser um único produto que será visto por um público diversificado, inclusive linguisticamente, em relação à aquisição e ao uso da língua de sinais, esses movimentos da boca em proferir palavras oralmente parecem colaborar com a realização da interpretação e sua assimilação por parte dos receptores. No entanto, é interessante que novos encaminhamentos sejam assumidos, no espectro dos processos tradutórios e interpretativos audiovisuais, para detectar, por parte do público alvo, se os *mouthings* parciais ou integrais são visíveis em materiais dessa natureza.

Conferindo a relevância dessa discussão, sugere-se, também para futuros trabalhos, a identificação, a discussão e a análise dos *mouthings* na interpretação simultânea direta, ou seja, da Libras para a Língua Portuguesa, na tentativa de compreender como e quando o movimento da boca e a prolação oral das palavras, durante a sinalização, podem contribuir/induzir (para) as escolhas lexicais e o desempenho do profissional nessa direção interpretativa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, A. **Deu Branco**. 5a ed., Rio de Janeiro: Record, 2005.

ALVES, F. A formação de tradutores a partir de uma abordagem cognitiva: reflexão de um projeto de ensino. **TradTerm**. v.4, n.2, p.9-40, 1997.

ALVES, F. Tradução, Cognição e Contextualização: triangulando a interface processo-produto no desempenho de tradutores novatos. **D.E.L.T.A.**, v. 19, p.71-108, 2003.

ALVES, F. Bases epistemológicas e paradigmáticas para pesquisas empírico-experimentais sobre competência tradutória: uma reflexão crítica. **D.E.L.T.A.**, v.31, n. especial, p.283-315, 2015.

BARBOSA, H. G. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta**. 2a ed., Campinas: Pontes, 2004.

DUARTE, L. R.; MESQUITA, R. Considerações acerca do code-blending ou sobreposição de línguas e suas relações com o code-switching. **Revista Sinalizar**, v.1, n.1, p. 37-47, 2016.

FAULSTICH, E. **Metodologia para Elaboração de Dicionários, Glossários e Léxicos com Modelo de Fichas de Terminologia e de Verbete**. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP – IL – Universidade de Brasília: Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm), Brasília, 2014.

GILE, D. The effort models in interpretation. In: **Basic Concepts and Models for interpreter and translator training**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p.159-190, 1995.

GONÇALVES, J. L. V. R. **O Desenvolvimento da Competência do tradutor: investigando o processo através de um estudo exploratório-experimental**. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, p.152, 2003.

HORTÊNCIO, G. F. H. **Um estudo descritivo sobre o papel dos intérpretes de LIBRAS no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová**. Dissertação de mestrado em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, p.108, 2005.

LE MOS, A. M. Fraseologismo em língua de sinais e tradução: uma discussão necessária. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v.14, n.4, p.1173-1196, 2014.

LEVIN, D.; SCHEMBRI, A. Mouth gestures in British Sign Language: A case study of tongue protrusion in BSL narratives. **Sign Language & Linguistics**, v.14, n.1, p.94-114, 2011.

LOCKER, R. Lexical equivalence in transliterating for deaf students in the university classroom: two perspectives. In: **Issues in Applied Linguistics** v.1. n.2, p. 167-195, 1990.

MACHADO, F. M. A.; FELTES, H. P. M. A interpretação simultânea no contexto político. **Cadernos de Tradução**, v.35, n. especial 2, p.236-268, 2015.

NASCIMENTO, P. C. P. **A Memória na Interpretação Simultânea**: uma análise do sistema da memória e de seu papel no desempenho da IS. Monografia (especialização) em Formação de Intérpretes de Conferência, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p.77, 2012.

NASCIMENTO, V. Janelas de libras e gêneros do discurso: apontamentos para a formação e atuação de tradutores de língua de sinais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v.56. n.2, p. 461-492, 2017.

NAVES, S. B.; MAUCH, C.; ALVES, S. F.; ARAÚJO, V. L. S. **Guia Para Produções Audiovisuais Acessíveis**. Brasília: Secretaria Audiovisual do Ministério da Cultura, 2016.

NESPOR, M.; SANDLER, W. Prosodic phonology in Israeli Sign Language. **Language and Speech**. v.42, n.2 p.143–176, 1999.

NETO, D. M. **A tradução representada**: uma análise de questões tradutórias a partir da relação entre representações cognitivas, públicas e sociais de tradutores em formação. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, p.145, 2014.

PAGANO, A. **Metodologias de Pesquisa em Tradução**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

PAGURA, R. J. Tradução e interpretação. In: AMORIM, L. M; RODRIGUES, C.C; STUPIELLO, E. N. (Org). **Tradução &**: Perspectivas teóricas e práticas. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015.

PARENTE-JÚNIOR, F. C. **Cognição e desempenho na interpretação simultânea da Libras**: um estudo sobre a memória de trabalho e a produção de semelhança interpretativa por intérpretes expertos. Dissertação de mestrado em Estudos da Tradução. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, p.189, 2016.

PINTO, A. C. Memória a curto prazo e memória operatória: provas e correlações com outras tarefas cognitivas. **Psicologia, Educação e Cultura**, v.7, n.2, p. 359-374, 2003.

QUADROS, R. M.; LILLO-MARTIN, D.; PICHLER, D. C. Sobreposição no desenvolvimento bilíngue bimodal. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v.14, n. 4, p.799834, 2014.

QUADROS, R. M.; STUMPF, M. Letras Libras. In: QUADROS, R. M. (Org) **Letras Libras**: ontem, hoje e amanhã. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

- QUADROS, R. M.; LILLO-MARTIN, D.; EMMOREY, K. As línguas de bilíngues bimodais. **Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto**, v.11, p.139-160, 2016.
- QUADROS, R. M. Bimodal Bilingual Heritage Signers: a Balancing Act of Languages and Modalities. **Sign Language Studies**, v.18, n.3, p. 355-384, 2018.
- REBOLLO-COUTO, L.; SILVA, L. P. N.; SILVA, C. G. Tradução Audiovisual: estratégias pragmáticas e conversacionais americanas e europeias na legendagem das formas de tratamento nominais. **Caracol**, n.14, p.274- 306, 2017.
- RODRIGUES, C. A abordagem processual nos estudos da tradução: uma análise meta-análise qualitativa. **Cadernos de tradução**, v.10, n.2, p. 23-59, 2002.
- RODRIGUES, C. H. **A interpretação para a Língua de Sinais Brasileira**: efeitos de modalidade e processos inferenciais. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, p.255, 2013.
- RODRIGUES, C. H. Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, *performance* corporal-visual e direcionalidade inversa. **Revista da Anpoll**, v.1, n.44, p. 111-129, 2018c.
- RODRIGUES, C. H. Translation and signed language: highlighting the visual-gestural modality. **Cadernos de Tradução**, v.38, n.2, p. 294-319, 2018a.
- RODRIGUES, C. H.; MEDEIROS, D. V. **O Uso de Mouthing na interpretação simultânea para a Língua Brasileira de Sinais**. In: V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p.1-15, 2016.
- ROSA, A. S. **Entre a visibilidade da tradução da Língua de Sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2005.
- SANDLER, W. Symbiotic symbolization by hand and mouth in sign language. **Semiotica**. p. 241–275, 2009.
- SILVA, K. F. B. **Tradução audiovisual da Língua de Sinais**: aspectos emocionais, formação e condição de trabalho. Trabalho de conclusão de curso em Letras Libras bacharelado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p.125, 2015.
- SPOLIDORIO, S. MAPEando a Tradução Audiovisual Acessível no Brasil. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v.56. n.2, p.313-345, 2017.
- TIMAROVÁ, S. Working Memory and Simultaneous Interpreting. In: BOULOGNE, P. (ed.). **Translation and its Others**: Selected Papers of the CETRA Research Seminar in Translation Studies, p.1-28, 2008.